

O HOMEM LIVRE

CLASS. Miguel
Macedo

S. Paulo, 3 de Janeiro
de 1934

Redactor chefe:
GERALDO FERRAZ

ASSIGNATURAS

Ano 20\$000

Semestre 10\$000

Numero avulso . \$200

RUA DO CARMO, 11
1.º andar

NUM. 21 ANO I

Guerra de camisas

Mau grado a exortação evangélica para que reine em terra a paz entre os homens de boa vontade, a nossa extremada terra de Piratininga está sendo combatida por lutas encarniçadas e choques ferozes em que se defrontam cidadãos armados de todas as armas que visam estabelecer a própria supremacia em diversos setores da atividade humana.

Haja vista para as palavras feias que estão atirando um ao outro impiedosamente os patriotas do Sr. Mussolini, Luigi Spadoni e Luciano Colli, a propósito da extinção da "Confederação Geral Espirita dos Estados Unidos do Brasil do Apóstolo Paulo", a Srna. Chiquinha Dell'Oso e o seu colega Gaetano Grottera, e o "prof." Alberdi e o "prof." Patrizi.

Si o amigo leitor acompanhou o desenrolar da contenda surgida entre o proprietário da Escola de Danças "D. Pedro II" e o seu rival do prédio Martinelli terá apreciado seguramente a importância do tango paulista com saída oficial sobre o pé esquerdo.

Mas essas lutas polémicas dignas em tudo da musa dos cantores do "Ouriço raptado" e do "Lutrin" são episódios desprezíveis de qualquer importância si comparados com a pugna travada por Arlindo Veiga dos Santos contra Alfredo Ellis Junior, reivindicando para si o invento da camisa branca.

Numa carta eloquente dirigida ao gozado hebdomadário dos Integralistas, o "Duce" da finada "Frente Negra" e do desconhecido "Grande Conselho Imperial Patrimonista" sai em altos brados contra o antigo deputado estadual do Perrepé, réo de ter-lhe surrupiado a luminosa ideia da Camisa Alva.

"A exploração do meu invento — brada Arlindo, atinge as raízes da infamia, porque é universalmente sabido que as primeiras camisas brancas que apareceram nesta bendita terra de Santa Cruz foram envergadas pelos moços da Guarda Imperial por mim criada e dirigida.

O Alfredo Ellis aproveitou o meu descuido de não ter tirado em tempo a patente de invenção".

A ideia do líder monarchista é sem duvida... uma ideia. Mas o "condottiere" da Guarda Imperial não tem razão de se queizar ao bispo.

Ele inventou apenas uma coisa que já estava inventada.

Em todo caso, a fabrica Paulista de Roupas Brancas antecedeu o sr. Alfredo Ellis na exploração do invento arlindiano. Porquê contra ela não deu queiza o ardoroso lugar-tenente de D. Pedro de Bragança?

Veja o nosso amigo Arlindo: essa história de insistir na pretensão de ter inventado a camisa branca poderia acarretar-lhe um dia o desgosto de despertar ensacado numa... camisa de força!

Prepara-se para 25 de Janeiro uma grande manifestação antifascista

A ATIVIDADE DA F. U. A. — ATE' AGORA, 18 ORGANIZAÇÕES COLIGADAS EM FRENTE UNICA. — AS REIVINDICAÇÕES QUE SERÃO AGITADAS. A EXTENSÃO DO MOVIMENTO DE FRENTE UNICA A TODO O BRASIL.

O comício de 15 de Dezembro, promovido pela Frente Unica Antifascista, veio dar ao movimento antifascista de S. Paulo um novo e poderoso impulso. E' que, a despeito de todas as ameaças dos integralistas e da presença, no local do comício, de uma considerável força policial, não se sabia bem com que propósitos, — a demonstração se realizou em perfeita ordem, não tendo a capangagem da Ação Integralista ousado renovar a sua aventura de 14 de Novembro. Hoje, mais do que nunca, está consolidada, indestrutivelmente, na consciência de cada operário, esta verdade terrível: apesar de todas as declarações em contrário, que não passam de um atestado cínico da mais sordida demagogia, Plínio Salgado e os seus assessores estão estudando os meios de assaltar as organizações operárias e eliminar os militantes mais destacados.

Provas? Ceará, Niterói, São Paulo, Campinas... Esses acontecimentos não sairão jamais da memória de cada trabalhador!

A ATIVIDADE DA F. U. A.

O Comitê de Organização da Frente Unica Antifascista vem se reunindo regularmente, ocupando-se principalmente da organização dos grupos de defesa e dos problemas táticos para a ação. A direção técnica desse trabalho está a cargo do coronel Cabanas, que tem sido incansável no cumprimento da tarefa que lhe foi confiada.

Quando ao trabalho político a desenvolver-se, que é a própria razão de existência da Frente Unica, resolveu o Comitê de Organização marcar, para o próximo dia 7 de Janeiro, uma importante assembleia dos representantes das 18 organizações já coligadas e de numerosas outras, da capital e do interior, que para esse fim estão sendo convidadas a enviar os seus delegados. Nessa reunião, além das questões concernentes ao programa mínimo que será elaborado, tratar-se-á da constituição definitiva, com caráter permanente, do Comitê de Organização, bem como da organização do comício a realizar-se em 25 de Janeiro.

AS REIVINDICAÇÕES PARA O COMÍCIO DE 25 DE JANEIRO

"O Homem Livre" submeterá á aprovação dos representantes das demais organizações, com o fim de serem agitadas no comício, as reivindicações seguintes:

a) Liberdade de pensamento, reunião, associação e imprensa,

para todas as correntes políticas ou filosóficas do proletariado;

b) Ensino leigo e garantia da separação da Igreja e do Estado;

c) Revogação de todas as leis que restrinjam, direta ou indiretamente, a liberdade de pensamento e de imprensa;

d) Sindicalização livre dos trabalhadores, independente de qualquer tutela governamental;

e) Cumprimento integral e generalizado de todas as leis de proteção ao trabalho (férias, acidentes, etc.);

f) Na execução da Lei de Férias, obrigação do repouso de 15 dias, com proibição, sob pena de multa, de sua substituição pelo pagamento;

g) Elaboração de uma lei de salário mínimo, de acordo com uma tabela apresentada pelos sindicatos operários;

h) Direito de voto a todos os maiores de 18 anos de ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade, e extensivo aos soldados e aos marinheiros.

A FRENTE UNICA ANTIFASCISTA EM TODO O BRASIL

Uma das questões que estão merecendo a atenção e o estudo dos componentes do Comitê de

Organização é a extensão da Frente Unica Antifascista a todo o Brasil, de forma a ter um caráter não sómente regional, mas nacional. Dada a existência de movimentos congêneres em todos os Estados, não será difícil conjugá-los, dentro em pouco, num grande movimento único, cuja eficiência será, por isso mesmo, mais pronta e mais poderosa. Basta atentar para o fato de que um comício, realizado em S. Paulo, se realize no mesmo dia, em todo o país, em cada Estado, em cada cidade. Não é difícil concluir que o integralismo, diante de uma tal repulsa por parte da consciência de todo o povo trabalhador e honesto, teria contados os seus dias, pois não poderia subsistir.

Assim, a Frente Unica Antifascista renace com mais força e entusiasmo. Os fatos decorridos desde 14 de Julho se encarregaram de trabalhar as consciências e demonstrar-lhes, diante da agravação dos perigos, a justeza dos pontos-de-vista que vimos sustentando, há uma série de meses, em torno da necessidade, urgente e imprescindível, de combater o integralismo corajosamente, de enfrentá-lo a passo de carga, por uma ação comum de todas as organizações que desejam lutar pela liberdade e pela democracia.

A ideologia do integralismo e a pequena burguesia regionalista

Os integralistas anunciam para o dia 25 de Janeiro uma demonstração pública em comemoração a mística do bandeirantismo.

Na distancia de alguns séculos, no fundo, os fascistas crioulos vêm nos bandeirantes os seus presurosos: os bandeirantes queriam transformar o braço do selvagem em instrumento de trabalho escravo; os integralistas querem assegurar aos magnatas do capitalismo, internacional e nacional, a perpetuação do trabalho assalariado e das cadeias que juncem o proletariado á escravidão capitalista.

Esta comemoração vem revelar a mistificação integral do fascismo calpira. A base social sobre que se erige o movimento fascista, sendo por toda parte, a pequena burguesia, os olivas se vêm forçados a adaptar-se em cada região ou Estado aos preconceitos e sentimentos do pequeno burguês provinciano. Daí as suas atitudes e afirmações contraditórias e opostas, á medida que passam de uma província á outra.

No Ceará ou Pernambuco, os agentes em camisa dos banqueiros imperialistas e dos tubarões nacionais de grande indústria se destemperam em solenes juramentos em prol da unidade nacional e da centralização totalitária do poder. Em S. Paulo, porém, onde contradições de interesses opoem a sua grande burguesia a outras frações burguesas nacionais e circunstâncias políticas especiais provocaram a exar-

cebção dos sentimentos regionalistas da pequena-burguesia, os "salgados" se misturam aos "garapas" para agitar a sua beberagem indigesta ao gosto do regionalismo pequeno-burguês.

O fascismo é por essência centralizador e absorvente. E anti-federalista por definição. Não admite nenhuma particularidade regional dentro da nação, nenhuma veleidade de autonomia ou independência para as províncias, sob o seu Estado uno, totalitário, exclusivo e monopolizador. O exemplo da Itália, o exemplo ainda mais recente e convincente da Alemanha hitlerizada não deixam mais a menor dúvida a respeito.

Para conquistar, entretanto, a pequena burguesia paulista os olivas já estão até dispostos a cobrir o verde anêmico e intestinal de suas camisas com o alvi-negro paulistano, arvorados subitamente em campeões da autonomia bandeirante.

Assim, na primeira ocasião, quando ainda mal começam a aparecer e se encontram a uma distancia astronômica do poder (distancia essa que não pretendemos de forma alguma deixar que se encurte, pois o proletariado, desperto pela nossa campanha, não o consentirá e já forjou, para impedi-lo, a arma adequada da frente única) ao primeiro tropeço que encontram mandam suas idéias fundamentais as urtigas, e juram por deus que são separatistas e regionalistas,

OS NAZISTAS DE SÃO PAULO organizam tropas de assalto

Fomos informados de que os arianos do "National-Sozialistische Arbeiter Partei" de São Paulo, imitando o exemplo dos seus comparsas do Rio Grande do Sul, estão organizando tropas de assalto, destinadas, naturalmente, a agir em concórdancia com as tropas anêmicas dos integralistas brasileiros.

Esse é a única conclusão que se pode tirar da organização de tais bandos de reacionários estrangeiros em território nacional, em que pese á contradição em que se colocam os descendentes de Odín ao darem o braço aos repudiados mestiços brasileiros.

Todos os domingos, as vezes de manhã e outras á tarde, os fogosos asséclias de Hitler se reúnem nas proximidades da Estação de Rio Grande, na São Paulo Railway, longe dos olhos dos curiosos.

Os exercícios principais a que se entregam são o tiro ao alvo móvel, luta corporal, golpes de força e outros, especialmente indicados para os assaltos de rua.

Eis aí até onde chega a desfaçatez dos perdigueiros de Goebbels. Aproveitando-se da displicencia das autoridades em relação á atividade dos fascistas de todas as cores, lógo vão tratando de bancar os "heróis lendários" de dois mundos, para maior grandeza do sangue de "pedigree" que lhes corre nas veias.

Mas os anti-fascistas não devem ficar passivos perante esses factos. A sua melhor resposta a essas provocações, do momento em que ninguém os defenderá a não eles mesmos, é a organização dos grupos de defesa e a unidade inquebrantável do movimento antifascista.

federalionistas, confederalionistas quando lá pelo Norte do país batem nos peitos, pregando o seu credo num Estado nacional super-centralizador, unitário e absoluto.

Os integrals esverdeados provam mais uma vez que não se distinguem dos profissionais da politica e sofrem do mesmo ignobil oportunismo dos barrigas que estão no poder. Como estão percebendo que a conquista da pequena burguesia paulista não pode ser feita pela sua ideologia anti-estadual, anti-federalionista, anti-autonomista que-rem aproveitar a data paulista por excelência para ir fazer um rapa-pé á bandeira da pequena burguesia de S. Paulo, a bandeira regional do Piratininga.

S. Paulo pela sua estrutura econômica adiantada, pelo número e concentração de seu proletariado, é o terreno central para o desenvolvimento da luta de classes no Brasil, queira-se ou não. No seu solo se travarão as grandes batalhas de classe futuras. Isto é indiscutível e inevitável. Por isso mesmo é que o ninho dos camandongos fascistas criou-se aqui. Já foi S. Paulo o maior teatro de luta do movimento iniciado em Outubro de 1930. Aqui acamparam, como em terra conquistada, os "alienígenas" do Outubroismo. Aqui deu-se o bote "constitucionalista" de 1932. Foi a grande burguesia paulista que foi apelada do poder pela masorca outubroista. Foi aqui onde a instabilidade poli-

(Continúa na 3.a pag.)

Anti-fascismo e anti-guerreirismo

Uma revolução que representa a vitória do "Pelo Sinal"

Num dos últimos números de "O Homem Livre" fizemos, a propósito de um manifesto publicado contra a guerra, uma ligeira crítica do pacifismo, lembrando a sua provada inconsistência e os desvios a que leva pessoas bem intencionadas na luta pela emancipação dos oprimidos. E, como um exemplo de desvio, citamos um trecho do próprio manifesto, onde se atribua a presente crise do capitalismo putrescente à Grande Guerra, como faz Nitti e tantos outros campeões do economismo burguês, que atribuem as enormes e catastróficas contradições da atualidade às causas mais variadas, a tudo, menos, está claro, ao regime de produção capitalista.

Vemos agora, numa nova publicação anti-guerreira, erros mais graves e de essência reacionária. Esses erros dizem respeito à questão do fascismo, que no referido manifesto aparece de forma acessória e num plano secundário. No combate à demagogia fascista, temo-nos esforçado, desde o primeiro número, desde o primeiro artigo deste jornal, como os anti-fascistas conscientes do mundo inteiro, a deixar bem claro que a forma de dominação política hoje existente na Itália e na Alemanha não representa nada de "progressivo", não constitui nenhuma etapa necessária na evolução da humanidade. O fascismo, isto hoje é a evidência, é um retrocesso. Ele aparece em consequência do retardamento da consciência política do proletariado sobre as condições objetivas favoráveis à transformação da sociedade com a socialização dos meios de produção. Isto, que em nada contradiz o marxismo, mostra apenas quão longe está a doutrina revolucionária do fatalismo otimista em que se comprazem inconscientes oportunistas.

O fascismo com a sua "ideologia" totalitária visa conquistar as camadas mais atrasadas do operariado, os trabalhadores desesperados, nos países de desocupação, diante da crise cada vez mais aguda e para que não vêm solução, e principalmente a pequena-burguesia que nos países mencionados os acontecimentos levaram a perder toda a confiança nas organizações políticas das classes trabalhadoras. Nessa "utilização" das classes médias está o traço mais característico do fascismo, que tanto na Itália como na Alemanha arrasta massas populares. Procura ele, assim, impedir que a maioria das populações adquira consciência política de seus interesses, ao mesmo tempo que destrói sistematicamente as organizações independentes do proletariado, substituindo-as por aparelhos de opressão destinados a garantir a rebaixa dos salários sem que se produzam greves, consideradas como um crime contra o Estado e reprimidas militarmente.

Assim não pensam, contudo, não diremos os intelectuais que se manifestaram contra a guerra, mas os "teóricos" da ação anti-guerreira que, em publicação recente, reconhecendo a inevitabilidade das guerras no regime capitalista, concluíram, para justificar a ingrata tarefa em que se empenharam, pela inevitabilidade do fascismo. O fascismo é para eles natural e inevitável. Não é um retrocesso mas uma forma historicamente superior de dominação burguesa e, como consequência,

mais próxima da conquista do poder pelo proletariado. "Assim é melhor" dizem eles. "O proletariado, sem o direito de reunião e de greve, sem liberdade de imprensa, com os seus sindicatos fechados, ficará mais forte. Isto de liberdades democráticas é com a burguesia..."

Se tal teoria "reacionária", que tem seu nome e contribuiu decisivamente para a subida de Hitler ao poder na Alemanha, não ajuda em nada o proletariado a conservar as posições que com tanta luta e sofrimento tem conquistado e nem concorra para o progresso em geral da humanidade, ela ao menos justifica a "luta contra a guerra", perigo que a burguesia mais do que ninguém procura afastar de seu caminho. A teoria da inevitabilidade do fascismo é a teoria da inevitabilidade da derrota. Ela não podia sair senão da cabeça de um general que só conhece derrotas.

"Tão matematicamente (sic), tão infalivelmente como a livre concorrência leva à formação dos grandes organismos industriais e bancários, a democracia burguesa conduz ao fascismo" diz o órgão do anti-guerreirismo. E isto porque o fascismo, "lógico" e "natural", é "uma necessidade política do capitalismo". É a filosofia da capitulação. As liberdades democráticas, para o órgão anti-guerreiro, não representam senão a "tradução, para a linguagem política, do estado de fato

do liberalismo econômico". No seu balbuciar teórico, só vêm os inimigos dos guerreiros estruturas e superestruturas: esquecem-se da luta de classe. A luta política independente do proletariado, secular, as suas conquistas, a sua força organizada, tudo se reduz a nada para eles. A correlação de forças dentro da sociedade pode ser modificada à vontade pela classe dominante... pois que já passou a era do liberalismo econômico. Não se podia ignorar mais nem fazer melhor o jogo do fascismo.

De uma apreciação falsa do fascismo não podia resultar uma falsa política anti-fascista. (Ha mesmo uma flagrante contradição entre a luta contra o fascismo e a "teoria da inevitabilidade do fascismo"). A Frente Única Antifascista, fundada em Junho nesta Capital, foi boicotada pelo anti-guerreirismo, do mesmo modo como o foi pelos anarquistas. No fim do mês passado, por uma inesperada reviravolta, resolveu aderir à política de frente-única, com todas as suas organizações fantasmas ou não. Mas o fim dessa adesão, ao que parece, é dar ao anti-guerreirismo um maior raio de ação. Um boletim recentemente distribuído é disso uma prova.

Procurando desviar a luta contra o fascismo — somente contra o fascismo é possível a política de frente-única — os anti-guerreiros salvarão a coerência, ficando fiéis à sua obscura filosofia de capitulação.

Suspensão de Publicação

"O Homem Livre" encontra-se em situação difícil. A sua publicação torna-se cada dia mais problemática, a ponto de sermos obrigados a lançar mais este apelo aos seus leitores e a todos dos aqueles que o consideram — como merece — o mais sério jornal antifascista que circula em território brasileiro.

O momento político exige que esta folha circule para opôr a nossa palavra à avalanche demagógica do fascismo.

Mas, si os nossos assinantes em atraso e os nossos leitores não concorrerem para a existência do jornal, deveremos, brevemente, suspender a nossa publicação.

Todos os que pensam: "si eu não pagar, outro pagará", apressam a solução desastrosa. Pois o "outro" pensará como ele e ninguém pagará. E a administração de nosso jornal paga e deve pagar todas as despesas, para os que contribuem e para os que não contribuem. E os que não pagam, gozam dos mesmos benefícios dos que pagam, colocando o "Homem Livre" em perigo de vida e — o que é pior — danificando o movimento antifascista.

Regeitamos "a priori" a idéia de suspender a remessa do jornal aos que estão em atraso. O cancelamento do nome dos atrasados da lista dos que recebem "O Homem Livre" representaria um ato de represália, mais do que de boa administração: uma represália que poderia ser considerada como uma má disposição da nossa parte em reconhecer as condições financeiras em que se encontra, a-pesar-de tudo, a maioria de nossos assinantes e leitores, quando, ao contrário, nós desejamos demonstrar, firmemente, a todos os antifascistas, que estamos dispostos a tomar em consideração a sua situação e não privá-los de seu jornal de batalha.

Entretanto, desejamos e devemos informar aos nossos leitores, com a mesma clareza, que a falta de auxílio e o atraso dos assinantes colocou nosso jornal — ou melhor, o seu jornal, em uma situação em que não podemos responder pela continuidade de sua publicação.

Si os antifascistas trouxerem o seu auxílio ao "Homem Livre", o jornal continuará a sair. Si não o fizerem, — com uma só ou com mil razões — o jornal sofrerá, brevemente, as consequências irremediáveis.

Na Redação de "O Homem Livre" temos cartões de subscrição, que podem ser retirados todos os dias, das 5 1/2 às 6 1/2 da tarde.

"MANUAL ORTOGRÁFICO"

POR UM PROFESSOR

Com prefácio de Medeiros e Albuquerque. Aprovado pela Federação das Escolas de Comércio de S. Paulo.

PREÇO 12\$000

A' venda em todas as livrarias

GRÁFICO EDITORA UNIFAS LTDA.

Na entrevista de 19 de dezembro, em que pela primeira vez discorreu sobre o pensamento e as diretrizes da Chapa Única, de que é líder, o deputado, Alcantara Machado frisou que, sem prejuízo da "separação da Igreja do Estado", a bancada paulista se baterá pela indissolubilidade do vínculo conjugal, pelo ensino religioso nas escolas públicas, pela assistência religiosa às classes armadas, e nos hospitais e prisões, com equivalência do serviço espiritual, prestado pelos padres, ao serviço militar. Isto é do programa mínimo da Chapa Única, e representa a adesão da Liga Católica a coligação das correntes políticas e partidárias, vencedoras em três de maio.

A tróca de uns votos, que não diriam nada, se esse acôrdo não fosse feito, os políticos de São Paulo repetem o caso do compromisso da social-democracia alemã, com o partido do centro católico, na feitura da Constituição de Weimar, de que resultou a vaga redação dada ao capítulo do ensino religioso, também facultado nas escolas germanicas (menos nas "leigas" o que é uma restrição simplória), desde que os alunos manifestassem tal vontade.

Mas o acôrdo se fez. A situação de urgência e desespero em que a política paulista, sofrendo as consequências do golpe fracassado de 32, apelava para todos os setores organizados da opinião, levou-a a capitular nesses pontos, quando a Liga Eleitoral Católica atendeu ao "s. o. s." lançado em sua direção. Nenhuma das outras organizações políticas tinha tais coisas em seus programas. Quarenta anos de Estado leigo se opunham a uma orientação clerical semelhante.

Hoje a representação da Chapa Única na Constituinte é um dos mais ponderáveis elementos com que contam as forças reacionárias, a caminho de uma Constituição cárola, anunciada, pôde-se dizer, desde o decreto do ministro Chico Campos, facultando o ensino religioso nas escolas públicas.

Outro precedente desmoralizador foi a regulamentação estadual, realizada no breve governo de Laudo de Camargo, em São Paulo.

O escolar voltou ao estado de coisas de antes de 15 de novembro de 89, e a revolução, em vez de garantir ao menos a laicidade do ensino, serviu para acabar com ela.

Queiram ou não, é a questão religiosa que ressurge, é o padre que toma pé oficialmente, numa República que se fez em nome do liberalismo, e em nome das liberdades democráticas.

No ante-projeto da Constituição, que é, na parte sob o título "Da cultura e do Ensino", uma tradução mal adaptada da Constituição alemã, consignava-se o ensino religioso facultativo. Os deputados paulistas da Chapa Única juntam a esse ponto alguns outros mais, e assim o catolicismo assume posição de vantagem no panorama da vida social brasileira, podendo entregar-se a uma vasta ofensiva de mãos dadas com o integralismo caviloso.

Examinando-se a situação mais a fundo, parece impossível constatar-se o que na verdade aconteceu. Precisamente no que se refere ao ensino é que a Igreja atacou e logo venceu.

E não surge um protesto. Nada vale a elite dos "pioneiros da educação nova". Esse destemido grupo de pedagogos notáveis, que parecia desdobrar-se numa esplêndida possibilidade de reconstrução educacional do país, logo depois de outubro de 30. No seu manifesto publicado em 1932, reclama-se, entre as características fundamentais do ensino oficial, a laicidade, e esta é um dos pontos essenciais da democratização do ensino.

No último Congresso Nacional de Educação o pensuado parteiro reacionário que é o prof. Fernando de Magalhães, precisou retirar-se como congressista, com o rabo entre as pernas, porque combateu exatamente esse ponto. Enviado à sub-comissão dos 31, o memorial assinando entre outras coisas o ensino leigo, os 31 sábios fecharam os ouvidos à voz autorizada da pedagogia nacional.

E agora a Igreja vai ter, parece, convertida em lei suprema do país, uma de suas mais caras aspirações: o ensino religioso oficialmente facultado.

Cerceada a possibilidade de uma legislação sobre o divórcio, concedidas algumas prerrogativas mais aos padres, eis a Constituição que a revolução liberal de 30 deu ao país galvanizado a espera de algumas tendências liberais e democráticas. Viu-se a mais indecente cen-

sura à imprensa, viu-se a proibição a comícios contra o integralismo, viu-se a caça aos anti-fascistas em plena rua, viu-se a vergonha sem nome da Ilha do Porcos a serviço da ditadura policial, e afinal vai-se ver uma Constituição clerical, dando ao padre equivalência, na atividade espiritual, ao serviço militar!

Depois de outubro de 30 desejava-se uma Constituição consagradora mais. Agrava-se, entretanto, o mal das liberdades públicas. E nada de que sofria a nacionalidade, ao ponto do general Góes Monteiro, numa das reuniões da famigerada comissão dos 31, declarar, nas barbas do sr. Carlos Maximiliano, que o que se queria era uma Constituição mais reacionária que a de 91.

Esta em toda a sua desfaçatez a República da revolução liberal. E esta a sua Constituição, pódre de nascença, onde o padre fica sendo o elemento mais importante da civilização brasileira, reivindicando para si a moldagem da educação intelectual das gerações de amanhã. E' a tração dos tais revolucionários de 30 ao povo do país, realizada descaradamente, sem meias medidas.

Murilo Mendes do Brasil humilita da história do Brasil, foi presente quando versejou:

"Ninguém poderá negar, de alma limpa e boa fé, que esta revolução representa a vitória do "pelo sinal".

GERALDO FERRAZ

Malharia Loslowski

RUA JOSE' PAULINO, 80
TEL. 5-4163

TELEGRAMAS ENVIADOS PELA E. U. A.

Publicamos abaixo os telegramas enviados pelo Comitê de Organização da Frente Única Antifascista, conforme resoluções da Assembleia de 15 de Dezembro.

"Comitê da Mocidade Anti-Fascista de João Pessoa", "Liga dos Direitos do Homem" de Porto Alegre", "Associação de Frente Única Antifascista", de Belo Horizonte", "União dos Trabalhadores da Baía", "Comitê de Frente Única", de Niterói, "Ação Republicana" de Pernambuco, e a "Fênix Calxeral", de Fortaleza:

"17 organizações proletárias coligadas frente única anti-fascista, interpretando pensamento milhares operários presentes comício 15 do corrente protestam solidariedade campanha anti-fascista convidando congeneres prosseguirem luta formando nosso lado frente única proletariad onacional."

O Comitê de Organização.
R. Xavier Toledo, 8. São Paulo, 15 de Dezembro 1933.

A' Assembléa Constituinte,
RIO DE JANEIRO

"No momento em que nessa Assembléa se debate a questão anistia políticos reacionários, 17 organizações proletárias coligadas frente única antifascista, interpretando pensamento milhares operários presentes comício 15 corrente, exigem liberdade operários e intelectuais mantidos masmorras e ilhas".

A' Embaixada Alemã
RIO DE JANEIRO

"17 organizações proletárias coligadas frente única antifascista, interpretando pensamento milhares operários presentes comício 15 corrente protestam contra processo Reichstag e contra a ameaça de pena de morte a inocentes.

O Comitê de F. U. — Rua Xavier Toledo, 8 — São Paulo.

Drs. Bruno Barbosa e Silveira Melo

Advogados

Rua São Bento, 58 - 2.º and.

TEL. 2-3780

3-1-1934

O presídio político da Ilha dos Porcos

Advogados do fóro desta capital requereram ao Corregedor dr. Joaquim Celidonio, uma correição sobre o tratamento dispensado aos presos.

Subscrito por varios advogados desta capital, foi endereçado ao dr. Joaquim Celidonio, ministro corregedor do Estado de S. Paulo, a seguinte petição:

"Exmo. sr. dr. corregedor permanente.

Os advogados do fóro desta capital, abaixo assignados, vêm representar e requerer a v. ex. o seguinte:

Já são de notoriedade pública os processos abusivos de que lança mão a policia de S. Paulo no desempenho de suas funções. Em particular, são os presos políticos as maiores vítimas da brutalidade policial. E' a delegacia de Ordem Social, numa incompreensão completa não só de seus deveres e sua responsabilidade, mas ainda dos mais comensuráveis princípios de humanidade que se tem mais destacado nesta obra de renegação de todos nossos fóros de Estado culto e civilizado.

Os suplicantes, entre outros fatos concretos da mesma natureza (e que se repetem diariamente) podem citar, para mostrar a v. ex. a que ponto chegam as arbitrariedades e a brutalidade verdadeiramente selvagem da referida delegacia, os seguintes:

Há poucos mezes, o operário Roberto Morena, pelo simples fato de ser secretario do Comité Anti Guerreiro de São Paulo, foi preso e "condenado" pelo delegado de Ordem Social a trabalhos forçados. Hoje ele trabalha na construção da estrada de rodagem Ubatuba-Taubaté, sem receber salario, como escravo portanto. Em sua companhia, também como forçados, encontram-se o tecelão Fernando Parras, secretario geral da União dos Trabalhadores em Fabricas de Tecidos, o metalurgico Estevam Lozano e outros.

No Gabinete de Investigações e outras massmorras desta capital, acham-se detidos inúmeros presos políticos, que estão sendo continuamente espancados e torturados para confessarem supostas participações em "planos terroristas" que o delegado de Ordem Social arquiteta a seu bel prazer. Entre outros, podemos citar Guido Romani e Victor Garcia. A lista é interminável.

Outro fato da maior gravidade, de que é responsável a delegacia de Ordem Social, é a suspensão indefinida de inqueritos policiaes, como se deu por exemplo, no referente ao assassinato do tecelão Victorino Domingues, em Sorocaba, por questões sociais; e aqui, em São Paulo, no inquerito sobre o atentado de que foi vítima, por parte de agentes da delegacia de Ordem Social, o operário gráfico Manuel Aristides. Este fato passou-se em fevereiro do corrente ano, e até esta data, o inquerito continua parado.

Mais ainda. A policia chega ao cumulo de se apropriar sumariamente de livros (referimo-nos a livros comuns, encontrados publicamente á venda), objectos de uso, até moveis pertencentes ás pessoas que detem.

Creemos que isto é o bastante.

E' um principio universalmente aceito e acolhido pela nossa legislação penal, que aos criminosos politicos deve ser reservado um tratamento especial, dictado pela natureza particular do seu crime. No entanto, é sobre presos politicos que a policia de S. Paulo desfere seus golpes mais brutais. Os suplicantes não precisam recordar o que são os xadrezes do Gabinete de Investigações onde a delegacia de Ordem Social conserva os seus presos. Sobre eles já se manifestou, entre outros, o proprio chefe de Policia atual por ocasião de sua visita ultimamente realizada. Em cubículos infectos, de dimensões irrisórias, são amontoados dezenas de presos, politicos e comuns, em condições que desafiam a imaginação mais fértil em inventar horrores. Mas o que é pior, são os tratamentos infligidos a estes presos: incomunicabilidade completa com o mundo exterior, mesmo com advogados e pessoas da sua familia, espancamentos e torturas continuas. E isto quanto não são sumariamente condenados a trabalhos forçados, como se deu nos casos acima citados.

A Delegacia de Ordem Social de S. Paulo é uma reprodução fiel, em pleno século XX, do famoso tribunal do Santo. Officio. E isto passa-

se em S. Paulo, que se preza de ser um Estado culto e civilizado, cultura e civilização estas de que a policia escarnece.

Ora tal situação não pode evidentemente continuar. O regime disciplinar em que nos encontramos não significa regime de barbaros. E uma vez que as autoridades policiaes se fazem de desentendidas diante destas e outras acusações semelhantes que diariamente aparecem na imprensa e que a opinião pública proclama, é ás portas da Justiça que os suplicantes vem bater.

Compete aos corregedores permanentes, de acordo com o decreto n. 4786 de 3 de dezembro de 1930, a correição das cadeias, postos policiaes e quaisquer outros recolhimentos sujeitos á policia (art. 13); bem como são sujeitos a correição as autoridades policiaes (art. 10 n. 111). Quanto á materia destas correições especificada no referido decreto, abrange todos os casos citados e outros da mesma natureza que poderão ser facilmente apurados no correr de uma correição.

Nestas condições, os suplicantes requerem a v. ex., nos termos do art. 8 do referido decreto n. 4786, que se digne determinar uma correição relativa aos procedimentos legais, arbitrários e deshumanos da Delegacia de Ordem Social no que diz respeito, em particular, aos seguintes pontos:

- 1.º — Aplicação do regime particular de presos politicos aos seus detidos.
- 2.º — Incomunicabilidade.
- 3.º — Trabalho forçado.
- 4.º — Inqueritos interrompidos.
- 5.º — Condições anti-higienicas e intoleráveis dos xadrezes aos quais são recolhidos presos politicos; alimentação deficiente nas prisões, etc.
- 6.º — Torturas e espancamentos.
- 7.º — Confisco de livros, objectos de uso dos detidos, etc.

Requerem outrossim lhes seja permitido acompanhar a referida correição, primeiro como advogados, partes integrantes portanto do aparelhamento judiciario deste Estado e porisso altamente interessados no seu bom funcionamento; e além disto, como articulantes de denúncias graves, que a bem do seu bom nome, precisam ser completamente esclarecidas.

P. DEFERIMENTO

Cáio Prado Junior, Athos Ribeiro, Aureliano Guimarães, Lauro Caribe da Rocha, Danton Vampré, Miguel Ferrara, José Alvaro de Alvares Otero, Cícero Ferreira de Abreu, Gama Cequeira (professor da Faculdade de Direito), Ataliba Pereira Viana, Antonio Padua Nunes, Eneas Ferreira, José Bonifacio Ferreira, Dimas Cesar, Leal Costa, Alceu Ribeiro Meireles, Silvio Margarido, Ladeira Marques, Sinésio Rocha, M. C. Ferraz e Almeida, Otaviano de Lima Pereira, Martiniano Leonel de Rezende, Francisco Grandino Filho, Livio Barreto Xavier, A. B. Veloso Junior, Noé Cesar, Egberto Chaves, Joviniano R. Capellano, Jovellino Camargo Junior, Renato Werneck de Almeida Avelar, Paulo Rubião Meira, Tarquinio Giglio, Lázaro Maria da Silva, Mario Coutinho, Justo Seabra, Luciano Ribeiro Pinto, F. Collaço Vêras, Abraão Blay, Enio Mario Rossi, Oscar Corrêa Pina, Nabor Calres de Brito, João B. T. M. Tolosa, A. A. Prado e Ulisses Coutinho.

A ideologia do integralismo e a pequena burguesia regionalista

(Conclusão da 1.ª pag.)

tica da burguesia mais se prolongou. E' aqui onde o proletariado do país se tem mostrado maior força organizada, maior coesão, maior consciência de classe e maior separação das lutas politicas travadas no seio da grande e da pequena burguesia. Por tudo isso é que foi aqui que o fascismo primeiro medrou: a grande burguesia já sente necessidade de preparar as suas ultimas reservas de defesa para atirar-las contra o proletariado organizado.

Mas os barões da plutocracia só abrem a bolsa e pagam os capangas de camisa se estes não ficam limitados aos seus grupelhos de comedores, mas se transformam em um movimento de massa; os plutocratas sabem muito bem que para realizar a obra que visam de destruição de todas as organizações proletárias, sejam elas de que caracter for, os capangas isolados não chegam, é preciso massa. E esta só pode ser da pequena burguesia.

A lição destes dois últimos meses veio mostra-lo: Em 14 de Novembro os bandidos tentaram ensaiar o primeiro assalto a um comício proletário anti-fascista. Apesar da proteção escandalosa da policia, foram repellidos. Um mês depois, tentaram organizar para o dia 15 de Dezembro uma grande expedição punitiva e arrazadora contra as trincheiras de classe do proletariado — isto é, os seus sindicatos, jornais, etc. Despertada em tempo pela vigilância de sua vanguarda, a classe operária alinhou-se em frente única, disposta a contra-atacar e expulsar das ruas os bandos pagos pela plutocracia. Diante deste sinal de disposição á luta manifestada pelos trabalhadores, os asseclas de Salgado recuaram assustados, e em 15 de Dezembro, em vez dos fascistas foram os anti-fascistas que saíram á rua. De esverdeados os olivas ficaram verdes de pavor, e nesse dia nenhum integralista ousou afrontar o povo envergando a sua camisa grotesca. O recuo foi humilhante e total: desfizeram a manifestação, deturaram boletins e declarações pelos jornais dando satisfações ao povo em tom lamuriento e jurando que só querem paz e amor.

A lição foi dura, e os patrões de Plínio Salgado ameaçaram até de despedi-lo de seu serviço por incapacidade e covardia congénita. Eis porque ele muda agora de tática e freia a impaciência sádica de seus adeptos em fazer o trabalhinho encomendado. Agora quer ver se conquista primeiro a massa pequeno-burguesa, explorando os seus preconceitos e sua inquietação exasperados pela crise e pela instabilidade politica. Mas, como já vimos, esta tarefa esbarra com uma contra-

dição muito seria: o carater heterogêneo e disparate da pequena burguesia brasileira, sem unidade classista e sem solidariedade de interesses e comunidade de tradições verdadeiramente nacionais, cortada em postas pela diversidade económica, historica e politica das diversas regiões em que se divide o país. A ideologia integralista difficilmente poderá servir aos anseios e preconceitos do conjunto da pequena burguesia nacional. A tentativa de lamber as botas tradicionais do banderantismo é o começo da desagregação de sua pretensa ideologia. A conquista da pequena burguesia paulista impõe restrições profundas ao seu programa integral. Os magnatas da grande burguesia estadual não gostam de sutilezas ideológicas e o que querem é trabalho prático, seja lá á custa de que demagogia for. Como laçao profissional, Plínio Salgado obedece e aponta-se a bajular com o maior dos cinismos os sentimentos (bons ou maus, não vem a pélo discutir aqui) separatistas dos pequeno-burgueses deste Estado. Mas os Estados do Brasil não são separados por compartimentos estanques, e as massas pequeno-burguesas espalhadas por todo o imenso territorio nacional brevemente irão certificar-se, pelos fatos, da pódre demagogia integralista, com os seus pretensos "chefes" salgados e garapás que vestem uma camisa para encobrir as pústulas de sua velha sífilis de politiqueros profissionais.

CASA MILION

ALFAITARIA E
ROUPAS FEITAS
RUA STA. EPHIGENIA, 129

Hitler Católico Praticante

O Dr. Max Jordam, de Berlim, escreve para o "Catholic Times" de Londres, n.º 3.419, o artigo de que extralamos as notas abaixo: "O chanceler Hitler nasceu em boa familia católica e católica foi a educação que recebeu. Nunca negou sua catolicidade e sempre tem-se eximido em não preferir, em público assertivas que pudessem ser interpretadas como opposição ou crítica ao catolicismo. Vai a Missa e recebe os Sacramentos. Aos amigos, costuma Hitler narrar a visão, que recebeu da Santissima Virgem, quando ferido na grande guerra. (Do jornal "O Seculo", órgão humorístico do fascismo brasileiro).

Plínio Salgado julgado por um seu amigo e admirador

DIALOGO ENTRE O EX-DELEGADO DE ORDEM POLITICA E SOCIAL E UM MILITANTE OPERARIO PRESO

Por ocasião do comício inaugural da Frente Única Antifascista, a 14 de Julho, foram presos, como é do conhecimento público, numerosos trabalhadores. Nessa época, era delegado de Ordem Política e Social o sr. Armando Calubi, que resolveu, três ou quatro dias depois, pôr os operários em liberdade. Vale a pena reproduzir aqui uma parte do diálogo travado, nessa ocasião, entre o sr. Calubi e um dos militantes levados á sua presença:

O sr. Calubi — Nas terras livres da América, pode o sr. ficar certo, não vingará as idéias extremistas, sejam elas comunistas ou fascistas. O Brasil é o país da liberdade e a vier, amanhã, uma espada de Damocles (alusão ao general Góis Monteiro) que no-la pretenda arrancar, isso será por pouco tempo, pois a reação enérgica do povo brasileiro logo se fará sentir. Sou contra qualquer espécie de extremismo, e foi por isso que ordenei a sua prisão. Sou profundamente brasileiro e não posso permitir que elementos estrangeiros tentem subverter a ordem em nosso país.

O militante operário — Está certo. Mas, como "patriota" e "democrata", o sr. deve perseguir não sómente os comunistas, mas também os fascistas estrangeiros que aqui fazem a sua propaganda e até ameaçam os brasileiros que pensam diferentemente.

O sr. Calubi — Mas, não acontece tal...

O militante operário — Não acontece? Admiro que a policia, mostrando-se sempre tão perspicaz para descobrir a atividade dos comunistas estrangeiros, ignore que um grupo de fascistas alemães se tenha dirigido á tipografia onde é impresso "O Homem Livre" e ameaçado o proprietário de uma série de violências no caso de continuar a ser editado ali aquele jornal...

O sr. Calubi — Ignorava esse fato. Mas, uma vez que o sr. o afirma, mandarei verificá-lo e prometo tomar providências...

O militante operário — Além disso, quanto aos elementos brasileiros, estranho que a policia persiga os comunistas, enquanto o Sr. Plínio Salgado prega o facismo e faz desfilar os seus bandos pelo centro da cidade...

O sr. Calubi — Não creia nisso. Não existe facismo entre nós. Eu conheço o Plínio Salgado... E' meu amigo... E' um rapaz muito bom, muito inteligente... Um moço pobre... Olhe, o sr. quer ver? Ele não é fascista, nem coisa nenhuma. Coitado! Foi deputado pelo P. R. P., mas houve, depois, essa reviravolta e ele perdeu o subsídio. Arranjou, em seguida, aquele jornal, "A Razão", e os estudantes o empastelaram. Ora, ele é um moço pobre, precisa inventar alguma coisa para ganhar a vida. E' um bom rapaz, posso afirmar-lhe... Coitado, é paupérrimo... Quer a prova? Veja! Aqui está uma carta da mãe dele, pedindo-me um emprégo para um seu irmão... Bem vê o sr. que é um moço pobre...

O militante operário — Sim, não discuto isso. Os lacaes são homens pobres. O que digo é que ele é fascista e que a policia, não o perseguindo e aos seus asseclas, está apenas demonstrando a sua parcialidade.

O sr. Calubi — Não, acredite nisso. Nunca ninguém nos arrancará esta grande liberdade que é o orgulho da nossa terra. Pode ir-se embora e fique descansado...

Como se vê, está perfeitamente explicado porque o Sr. Plínio Salgado resolveu candidatar-se ao cargo de lacaio-mór da burguesia nacional. O "moço pobre" precisa de dinheiro...

A Ação Católica vái fazer alguma manobra que a Internacional do Vaticano acha necessaria

Sobre o entusiasmo do apostolo Oswaldo Chateaubriand, homem que vive e quasi se perde na bruma...

Uma desagradavel noticia para iniciar este artigo. A Ação Católica, ajuntamento que age sob o patrocínio do arcebispo de S. Paulo, vai realizar na primeira quinzena de janeiro umas reuniões de debates enquadras nos postulados da mesma Ação Católica e dentro das "directrizes das encíclicas sociais."

Em outros tempos essas reuniões teriam apenas a importancia de reunir alguns católicos, para as manobras de pequeno vulto da igreja, em torno dos poderosos do momento. Hoje, porém, a igreja está numa ofensiva de grande envergadura. E não éo acaso que faz realizar, nesses dias de janeiro, com o anúncio de 15 dias sómente de antecedencia, uma espécie de Congresso, que possivelmente vai estender seus tentáculos até a Assembléa Constituinte, pedindo mais do que já lhe pretendem dar os deputados da Chapa Única e de outras chapas manejadas pelos pegajosos agentes da Internacional do Vaticano.

E' o que faz pensar o ataque que o "Seculo", órgão oficial da padrecada e do integralismo dirige contra o perrepeista e católico Alcantara Machado, que ao que dizem as más linguas votou contra o casamento religioso reconhecido oficialmente.

Em torno de tão ruim iniciativa como é essa dos roupetas chefiados pelo espertalhão da rua S. Luiz, a imprensa apodrecida de S. Paulo se manifesta em artighõeslouvaminheiros, coroando a figura do arcebispo com as batatas e repolhos de uma retorica lambideira.

O sr. Oswaldo Chateau-

briand, figura de jornalista indigena que ainda merece um ti-quinho de consideração pelo seu outrora decantado liberalismo — hoje travestido na mais abjeta atividade de militante policial da reação, é o primeiro a se esparramar na sua monotona literatura de "mestiço verborrérico", suando santidade por todos os póros. O anjinho ou apostolo do "Diario da Noite" acha que está tudo preto. Como se a Light, tão poderosa, não fornecesse mais luz aos católicos de S. Paulo que nem ele. E espera que a tal de Semana da Ação Católica seja um "raio de sol" na bruma em que está se perdendo... Só a gente rindo da hipocrisia pelada do herói "sem nenhum carater", como o "Macunaima" do sr. Mario de Andrade, pois a bruma em que Chateaubriand se perde é a situação social que despreve com estas côres: a propaganda do anti-concepçãoismo, pois que a nupcialidade passou a ser um negocio, e a natalidade uma irritante restrição ao prazer pecaminoso das mulheres... Vamos parar por aqui. E vamos retêr junto com o cinismo de Oswaldo esta excelente piada: "o prazer pecaminoso das mulheres"... A propaganda do anti-concepçãoismo... Quantos filhos tem o sr. Oswaldo? E' fiquemos nos filhos.

E' o caso do arcebispo dispensar a atividade dêsse policial da reação, tão sabido e tão audacioso como o mesmo arcebispo, mestres os dois em fazer o que eu digo mas não faça o que eu faço.

Ah, o sr. Chateaubriand!

J. MORAIS REGO

"Organizemos uma Milícia Proletária comum!"

"Os fascistas estão se agitando. Não são apenas "bandos". São também bandos que tentam organizar-se, para dominar-nos pela violência.

Os partidários do poder forte enchem as paredes de cartazes: "Fóra os deputados!", "Dissolução!", "Apelo ao país!". O dinheiro da corrupção corre a granel.

Ao mesmo tempo, as juventudes patriotas se organizam: do mesmo modo, as milícias de Hervé, assim como as tropas de Coty, os "fraulistas", os "Cruzes de Fogo", etc.

Toda essa gente que se hostiliza hoje se unirá amanhã. A polícia os protege. Seu fim é idêntico ao do fascismo italiano ou alemão: **DESTRUIÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DA CLASSE OPERÁRIA, REFORMISTAS OU REVOLUCIONÁRIAS.**

E que lhes opõe a classe operária? Por enquanto nada. Frases!

Somos milhões, os operários conhecem a luta e o trabalho coletivo. Mas não medem bem a necessidade de ORGANIZAR-SE.

Eles são centenas, milhares. Quasi sempre pequenos burgueses desclassificados.

Uniformizam-se e se armam. Mas só se tornarão fortes si o permitirmos.

Recordai o que se passou na Alemanha! Forte de 15 milhões de votos, de sindicatos, de clubes, de corporações e de partidos, a classe operária foi espesinhada sem resistência pelos bandos fascistas.

Não deixaremos que a experiência recomece. Ao contrário, queremos tirar-lhe as lições. Todos os operários querem defender-se, sejam eles revolucionários, ou sejam reformistas, querem resistir ao fascismo. Porisso precisam ORGANIZAR A FRENTE ÚNICA DE COMBATE!

Acabemos com as frases sobre a frente única pela base, que não passam de parolagens estêreis! Organizemos a frente única entre as nossas organizações operárias com este fim comum: **CONSTITUIR UMA MILÍCIA OPERÁRIA COMUM.**

Propomos que todos os grupos de combate se coliguem e seja organizada uma MILÍCIA OPERÁRIA COMUM.

Será impossível realizá-lo?

Do modo algum.

A massa trabalhadora compreende, agora, qual o motivo da luta. Compreende que é preciso organizar, metodicamente, a defesa das reuniões, demonstrações, jornais locais operários. O operário comunista sabe que si ele permitir que se destruam as organizações reformistas e anarquistas amanhã será a sua vez.

O operário socialista, como o anarquista, sabe que a destruição dos comunistas significaria seu fim.

Todos devem, pois, constituir conjuntamente uma milícia, cujos objetivos devem ser precisos, afim de que fique ressalvada a liberdade de cada membro ter suas próprias idéias.

Todas as organizações operárias devem participar da organização dessa milícia: sindicatos, partidos, cooperativas, jornais, clubes esportivos, juventudes, etc. Todos devem ter delegados responsáveis.

Ainda hoje numerosos são os que abanam a cabeça. Ir-realizável, dizem eles!

Nós lhes respondemos: o apelo deve ser ouvido!

Nós o lançaremos tantas vezes quantas fôrem necessarias. As nossas organizações cuidarão da realização prática desse objetivo.

Tal é o caminho da vitória.

(De "La Verité", jornal proletário de Paris, n.º 182, de 1.º de Dezembro de 1933).

UM MANIFESTO DA F. G. D. DA F. U. A.

A Federação dos Grupos de Defesa da Frente Única Anti-fascista vai distribuir, brevemente, o manifesto que transcrevemos:

"FEDERAÇÃO DOS GRUPOS DE DEFESA DA FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA DE S. PAULO"

De algum tempo a esta parte as organizações facistas, existentes em São Paulo, tomaram atitudes de provocação e de ameaça contra os anti-facistas militantes e especialmente contra os chefes.

O nosso companheiro Francisco Frola, por ocasião de uma conferência em Campinas, foi repetidamente ameaçado, perpretando-se contra a sua pessoa também, uma tentativa de agressão.

Outros episódios de menor importância foram verificados em seguida.

Agora é necessário falar claro. Nós conhecemos os métodos facistas.

Os chefes, seguros da impunidade, comandam os sicários, os quais obedecem e exercem as violências.

Assim sucedeu por ocasião do assassinato de Matteotti. Assim sucede em todos os crimes organizados pelo fascismo.

Nós não estamos dispostos a este jogo.

Os grupos de defesa da Frente Única Anti-Facista, que reúne a quasi totalidade das organizações de classe de São Paulo, deliberaram:

DESDE QUE UM QUALQUER MILITANTE ANTI-FACISTA SEJA GOLPEADO POR FACISTAS, A REAÇÃO PRONTA E EFICAZ EXERCER-SE-A' SOBRE A PESSOA DOS CHEFES FACISTAS.

Se a agressão tiver lugar por parte dos facistas italianos, serão o secretário do Faclio Italiano de S. Paulo e os seus conselheiros quem pessoalmente sofrer-lhe-ão as consequências.

Se a agressão vier por parte dos facistas alemães, serão os dirigentes do "National-Sozialistische Arbeiter Partei" de São Paulo tidos por responsáveis.

Se a agressão fôr consumada por facistas brasileiros (integralistas) será sobre a pessoa de Plínio Salgado e dos seus companheiros de direção que se exercerá de forma decisiva a nossa justa reação.

Olho por olho, dente por dente. E' a lei do selvagem, que os facistas de todos os países na sua bestialidade ressuscitaram e tornaram necessaria.

São Paulo, 26 de Dezembro de 1933.

A FEDERAÇÃO DOS GRUPOS DE DEFESA DA FRENTE ÚNICA ANTIFASCISTA DE SÃO PAULO.

Ainda sobre "Cacau" de Jorge Amado

Ha uma pergunta no livro "Cacau" de Jorge Amado, que merece ser respondida:

— Será um romance proletário? A resposta é unica: Não. O sr. Jorge Amado não fez um livro proletário.

A novidade atualmente no Brasil é a preocupação de intitular proletária uma literatura pornográfica e falsa. E aparecem então os monstruosos livros de Pagú, Oswald de Andrade, etc., etc. Palavrões. Pornografias. Libidinagem. Livros típicamente fim de regime, próprios para os delírios sexuais de semi-vingens. Mas o termo proletário, está grassando epidemicamente.

A literatura proletária é irreconciliável com o pessimismo, cepticismo e todas as demais especies de prostação intelectual. Ela é concreta, viva, impregnada de coletivismo real e deposita uma convicção creadora illimitada no futuro.

Segundo os pseudos escritores "proletários" do Brasil, fazer literatura proletária é escrever errado, empregar mal todas as palavras e ter uma profunda ingenuidade pelas coisas da vida.

E' assim o "Cacau".

Os que tiverem de fato conhecimento do material de que se compõe um proletário e revolucionário, ao lêrem "Cacau" saberão que Jorge Amado no máximo só pôde ser um revoltado e pequeno-burguês, com todos os defeitos típicos da camada.

O livro, tomando um caráter autobiográfico, trabalho individualista de pequeno-burguês desesperado porque sua posição de inferioridade econômica não lhe permite casar (pelo civil e religioso) com a filha do senhor de escravos: o patrão.

Nada nêle é revolucionário. Sua ascendência: pais abastados. Sua infancia feliz, e quando na adolescencia rompe com o tio é devido a questão de mulheres.

Todo o livro reflete um individualismo egoista. Não ha vida. Não ha concretização de fins. Não chega a revoltar. Não fala á coletividade. Nêle o autor nega o axioma do materialismo dialético: a vida determina a consciência.

Pela leitura de 197 paginas ficamos sabendo que o pai (do narrador?) apesar... de "gostar muito de música" e possuir uma fébrica em que as condições de trabalho e de vida não hão de ser (não pôdem ser) diferentes neste regime capitalista, do resto de outras fabricas, não explora muito os seus operários. Em seguida vem a "gloria" de ser de boa familia, o que o autor faz resaltar no decorrer das 197 paginas, como se os trabalhadores fossem de má familia...

Que escritor proletário (no verdadeiro sentido) desconhecera a luta de classes?

Segundo Jorge Amado, os trabalhadores de cacau, e todos os trabalhadores do Norte e Nordeste, vivem uma vida de farras, de bebedeiras, ed "zonas" e valentias. Nada, absolutamente nada nesse livro esclarece, põe a nu, a tragedia econômica dos trabalhadores dos sertões, a tragedia econômica que, aqui mais aguda, ali menos, é sempre em toda a parte, a mesma tragedia da exploração do homem pelo homem. Dos operários que aparecem em "Cacau", nenhum tem consciência de classe, e no entanto, nós outros sentimos que o trabalhador do Brasil já se vai despertando e compreendendo a única linha verdadeira a seguir. Mas o livro de Jorge Amado é uma farrá constante. As mulheres, todas, vejam bem, todas as operárias em "Cacau", são, fôram ou serão prostitutas. No entanto, a filha do patrão, a menina muidana, a poetisa cretina, essa merece dele uma quasi adoração e aparece com especial simpatia. Não está nisso, solidariedade de classe?

Em "Cacau", não temos nenhum contato com a massa. Conhecemos dois ou tres operarios: um porque mata gente, outro porque é bamba nas "zonas" e só um porque sabe que "existe alguma coisa". Mas (medo? ignorancia?) o autor nega-se a nos explicar o que é essa "alguma coisa", nega-se a nos dizer o que sente este operario, o que ele pensa, e, com um sentido de covardia que acompanha todas as linhas do livro (e é tanta que chega até a fazer com que seja escrita apenas uma vez a palavra: burguesia), e faz desse personagem mais um pequeno burguês trapalhão (como o autor) do que um operário.

Para Jorge Amado, a questão social não existe. Só o preocupa e o absorve uma questão: a sexual. E nisso ele descreve coisas rolicas, ventres pançudos e outras coisas excitantes, próprias á alegria e o divertimento da pequena burguesia.

Em "Cacau", todas as questões se emburham. Nada fica claro. Tudo se confunde. A covardia politica, a covardia intelectual, a covardia religiosa (deus continúa usando um grande) e ele nem sequer sabe porque as prostitutas são religiosas convictas, nem a razão porque ha santinhos e bentinhos perto das camas, nos prostibulos. Também Jorge Amado pensa que a revolução proletária será feita com as prostitutas...

Al está seu livro garantindo que um dia "As ruas das zonas se levantarão"... Jorge Amado não sabe nem sequer que a prostituição é um fruto do próprio regime, que a prostituição é resultante de toda tragedia econômica creada pelo regime e que ela só desaparecerá com o desenvolvimento da sociedade socialista em caminho para o comunismo.

Os trabalhadores em "Cacau", não cogitam uma única vez de se organizar. Não discutem sobre as

possíveis melhorias sociais que gozarão os seus irmãos de classe da cidade. Não dizem da revolta de classe oprimida e forte que lhes val no sangue. Enfim, nada que nos dê uma idéa de coletivismo.

Literatura proletária tem por finalidade, não só transmitir o ponto de vista coletivo, mas também orientar a consciência do proletariado no sentido de seus objetivos finais.

Saberá Jorge Amado quais são os objetivos finais do proletariado? Não. Ele pensa que luta de classes é apenas "uma palavra mais bonita que generosidade", pensa também que solidariedade de classe é... não casar com a filha do patrão.

Literatura proletária só é possível dentro do regime proletário.

Literatura revolucionaria é toda aquela que, dentro do regime capitalista, fala de perto dos interesses economico-politicos do proletariado e das camadas empobrecidas da sociedade.

No momento agudo da luta de classe que vivemos, no entrecrucho dos antagonismos irreconciliáveis da burguesia. Na hora heróica em que as massas oprimidas dos campos e das cidades espera o toque de reunir para depois avançar, não serão essas obras misticificadoras rotuladas de proletárias e revolucionárias que desviarão o proletariado brasileiro e internacional de realizar sua arremetida decisiva, nem tampouco desviarão o curso do processo revolucionário traçado pelo materialismo histórico.

E ás investidas inconfessáveis de elementos anárquicos e desagregadores como a obra de Jorge Amado, o proletariado brasileiro responderá que "a obra de emancipação dos trabalhadores, será obra dos próprios trabalhadores."

Rio, novembro 1933.

ENEIDA

O Comício do dia 15 de Dezembro marcou uma grande data no Movimento Antifascista

O grande comício do dia 15 de Dezembro último, convocado por 18 organizações proletárias (partidos, sindicatos, agremiações, jornais e comités) constituiu um índice seguro da tática a empregar na luta contra o fascismo. O seu successo, dado o caráter de contra-demonstração, que apresentava, encerra esta lição simples e evidente: a frente única de organizações é a única medida que pode, nas condições atuais das relações de forças entre as classes opressoras e as classes oprimidas, — esbarrar o caminho ao fascismo.

Da relação sucinta que damos a seguir do comício, poder-se-á verificar a justeza dessa afirmação.

O Largo de São Paulo em pé de guerra

Muito antes de se iniciar o comício o Largo de São Paulo foi posto em pé de guerra pela policia de São Paulo. Soldados da Força Pública e da Guarda Civil, a pé e a cavalo, de carabina embalada, percorriam a praça e as ruas adjacentes, impedindo o estacionamento. Dezenas de agentes da Ordem Social se encontravam ali, dirigindo o serviço de "ordem". Todo esse aparato militar tinha por fim, segundo se disse, impedir um ataque da parte dos facistas. Mas nós bem sabemos, depois de 14 de Novembro, como se nos defende dos facistas... e sabemos que a nossa defesa só poderá ser feita por nós mesmos.

Fomos informados de que o batalhão do major Arlindo manteve-se de prontidão durante todo o tempo do comício.

O espetáculo que o Largo de São Paulo apresentava teve por efeito afastar muitos dos antifascistas que se destinavam á manifestação, mas mesmo assim, muito mais de duas mil pessoas foram ocupar os seus postos no salão da Lega Lombarda. Si houve seleção, devemos re-

conhecer que as forças antifascistas de São Paulo, uma vez coligadas as diversas tendências existentes, representam um fator de luta esforçado e conciente. Cabe aos orientadores das diversas organizações não criar impedimentos ao crescimento dessa força por questões de partidarismo estreito e sectário.

A manifestação

O presidente abriu a sessão cerca das 21.30, aconselhando a maior disciplina para evitar provocações. Falaram em seguida os oradores das seguintes organizações: Comitê Anti-Guerreiro de São Paulo, Partido Socialista Brasileiro, Partido Socialista Italiano, União Sindical dos profissionais do Volante, Federação das Juventudes Comunistas, "O Homem Livre", Liga Comunista Internacionalista, Coligação Confederacionista, União dos Trabalhadores Gráficos e Partido Comunista.

A manifestação decorreu na máxima ordem. Foram aprovadas as seguintes resoluções: convocação de um segundo comício da Frente Única Antifascista para o dia 25 de janeiro, remessa de telegramas de solidariedade ás organizações de frente única dos outros Estados, remessa de um telegrama á Assembléa Constituinte exigindo a libertação de presos proletários nas ilhas e nas masmorras, telegrama á Embaixada da Alemanha, protestando contra a ameaça de condenação de Torgler, Dimitrof, Popoff e Tanev e contra o processo do incêndio do Reichstage (estes telegramas são publicados em outra parte do jornal); articulação da Frente Única de São Paulo com as dos demais Estados, visando a formação de uma Frente Única Antifascista nacional, e, finalmente, a U. T. G. fez um apelo para que o proletariado de São Paulo organize também a sua frente única sindical.